

AMÉLIE BOSQUET

LENDAS  
MACABRAS



**Free Books**

**Amélie Bosquet**

**LENDAS MACABRAS**

Tradução de Paulo Soriano

**Free Books  
2024**

## Créditos

**Título:** Lendas Macabras.

**Fonte:** *La Normandie Romanesque et Merveilleuse*.

**Autora:** Amélie Bosquet (1815 – 1904).

**Tradutor:** Paulo Soriano.

**Ilustração da Capa e do Miolo:** Jean-Baptiste  
Parelle (1790 – 1837).

**Editora:** Free Books Editora Virtual.

**Ano de Publicação:** 2024.

**Local de Publicação:** Salvador/BA.

© da tradução: Paulo Soriano.



**Amélie Bosquet**

## SUMÁRIO

O LOBISOMEM DA BREITANHA.....	7
OS LOBISOMENS NA NORMANIA.....	17
A HIDRA DE VILLEDIEU-LÈS-BAILLEUL.....	22
MISSAS MACABRAS.....	28
O CÃO FANTASMA DE VILLERET.....	53
A FIANDEIRA E O FANTASMA.....	57
MACABRA PROCISSÃO.....	60
O DIABO E O MONGE DESONESTO.....	63
O DISSOLUTO MONASTÉRIO DE FLERS.....	67
O FANTASMA DA FALÉSIA.....	73
O SANGUE DE HENRIQUE II.....	75
O TESOURO DO DEMÔNIO.....	78
O FANTASMA DE MARIE ANSON.....	82

# **LENDAS MACABRAS**

## O LOBISOMEM DA BRETANHA

Havia na Bretanha um nobre senhor, tão belo e bondoso que era uma maravilha. Era amado e respeitado por seus vizinhos e gozava da consideração de seu príncipe. Ele havia-se casado com uma nobre senhora, que parecia amá-lo profundamente. A senhora teria, de fato, extraído imensa felicidade daquela união, mas havia uma circunstância que a preocupava: o seu senhor tinha o hábito de se ausentar três dias por semana, e

ninguém sabia de seu destino à época. Certo dia, porém, quando ele voltava para casa com ternura e alegria, a senhora, depois de muitas circunlocuções, aventurou-se a interrogá-lo sobre o ponto que tanto fazia questão de esclarecer. Tocado pelos modos graciosos da esposa, o senhor concordou em satisfazê-la: confessou-lhe que, durante os três dias em que a deixava, tornara-se lobisomem.

A senhora, pressionando-o com novas perguntas, quis saber se, quando da transformação, ele continuava vestido e, ao responder que ficava nu, ela voltou a insistir, querendo saber onde ele havia deixado a roupa.



Desta vez, o senhor recusou-se terminantemente a satisfazer a curiosidade da esposa.

— Se eu perdesse as minhas roupas — disse ele — ou, mesmo, se fosse visto quando delas me despojo, estaria condenado a permanecer como lobo até que elas me fossem devolvidas.

A senhora protestou contra a falta de confiança do marido: o que fez ela para merecer a sua estima e o que ele teria a temer ao revelar-lhe o seu segredo?

Mais uma vez comovido, o pobre lobisomem respondeu, com toda a sinceridade:

— Próximo a uma encruzilhada na floresta, à beira do caminho, há uma antiga capela, cujo abrigo me é favorável. Ali, sob

um arbusto, há uma pedra oca, onde escondo minhas roupas até voltar para casa.

A senhora, deveras assustada com aquela confiança, descobriu que sua intimidade com um lobisomem era muito maior do que ela desejaria. Ela, então, planejou separar-se dele e, em verdade, o fez traiçoeiramente, como uma mulher que bem conhece todos os ardis de seu sexo.

Havia, nas redondezas, um cavaleiro que morria de amores por aquela dama. Até então, ela havia sido extremamente fria para com ele. Chegara, todavia, o momento de mudar de atitude. Assim, enviou-lhe uma mensagem, convidando-o e dizendo-lhe que estava disposta a aceitar seu amor e seus serviços. O cavaleiro

chegou-lhe com grande entusiasmo. A entrevista foi decisiva: trocaram um grande número de juramentos e, estando a intimidade suficientemente estabelecida, a senhora ordenou ao cavaleiro que fosse buscar as roupas do marido no local onde estavam depositadas. Ao mesmo tempo, disse-lhe o que aconteceria se ele o fizesse. Desde então, o marido não mais apareceu. Seus amigos e parentes em vão o procuraram. Algum tempo depois da perda do marido, a senhora casou-se com o cavaleiro por quem estava apaixonada.

Entretanto, o rei, que já não caçava há um ano, estava deseioso de se divertir. Foi, então, à floresta onde se escondia o lobisomem, que os cães descobriram assim que foram liberados. Perseguiram o pobre

animal o dia todo, causando-lhe diversos ferimentos, pois os cães atacaram-no ferozmente, e os caçadores já estavam prestes a fazer-lhe uma maldade. Foi então que a fera viu o rei. Sem demora, o lobo correu até ele para pedir-lhe proteção.

A princípio, o rei ficou muito assustado. Todavia, tendo recuperado a calma, ficou surpreso com a sua captura e ordenou aos presentes que regressassem ao castelo, dizendo-lhes que o dia tinha sido bastante favorável e que não havia necessidade de continuar a caça. O lobo tornou-se o favorito de toda a corte; passava o dia entre os cavaleiros e dormia apenas aos pés do monarca.

Ora, eis o que aconteceu durante uma sessão plenária do rei, para o qual, para

maior solenidade, ele havia convidado todos os seus barões e seus vassallos. O cavaleiro, que se casara com a mulher do lobisomem, a ela compareceu. Contudo, assim que nosso lobo o viu, lançou-se sobre ele, mordeu-o e o feriu profundamente. Todos ficaram surpresos com esta explosão de fúria, que não era habitual àquele lobo. Portanto, as pessoas estavam convencidas de que ele só agira daquela maneira por algum ignorado motivo de vingança.

Algum tempo depois, o rei voltou à caça na floresta onde encontrara o lobo. Informada de que a corte passava nas proximidades, a esposa infiel pediu uma audiência para presentear o monarca. O seu pedido foi atendido. Mas, assim que a

perversa mulher entrou na câmara real, o lobo jogou-se sobre ela, tal qual havia feito ao seu marido, e arrancou-lhe o nariz.

O lobo foi ameaçado por todos os lados. E teria sido infalivelmente feito em pedaços se um homem sábio não tivesse vindo em sua defesa. A pedido daquele prudente homem, o rei mandou prender a mulher, para que ela fosse obrigada, se soubesse, a confessar o motivo que levava o animal a odiá-la. Assustada, a senhora confessou a traição de que era culpada e disse que supunha que aquele não fosse outro senão o seu primeiro marido. O rei, então, exigiu que ela trouxesse de volta as roupas que havia furtado. Essas roupas foram colocadas diante do lobo que a princípio não pareceu prestar-lhe atenção.

E, para surpresa de todos, o sábio , que se fizera seu protetor, observou que era provável que o lobo não quisesse vestir-se novamente em público, para não ser visto durante sua metamorfose.

O rei deu ouvidos às prudentes observações de seu conselheiro e conduziu o lobo aos seus aposentos, onde o deixou em paz.

Algumas horas depois, ao regressar aos seus aposentos, acompanhado por dois barões, viu o cavaleiro dormindo na cama real. Ao encontrá-lo, o rei não conseguiu controlar sua alegria. Correu para abraçar seu favorito e não se cansou de dizer-lhe como estava feliz em vê-lo novamente. Devolveu-lhe todas as terras que possuía antes de sua metamorfose e acrescentou a

essa restituição outros presentes magníficos.

A mulher infiel foi expulsa do país, assim como o homem que a ajudou a levar a cabo a sua traição. Posteriormente, tiveram eles vários filhos, cujo reconhecimento não era difícil, porque todas as mulheres desta linhagem nasceram sem nariz, e, em consequência desta estranha circunstância, receberam a alcunha de desnarigadas.



## OS LOBISOMENS NA NORMANDIA

Conforme pensam os nossos camponeses, o lobisomem é, por vezes, a metamorfose do corpo de um amaldiçoado que, depois de longo período de tormentos no fundo de seu túmulo, logra quebrar os seus fúnebres grilhões e escapar da cova. Como se vê, esta superstição é muito semelhante à dos vampiros da Hungria e do Oriente.

Quando um amaldiçoado, que se deve tornar um lobisomem, percebe os instintos

da sua natureza feroz, devora a mortalha que lhe cobre o rosto. A mortalha é um lenço dobrado na forma de um triângulo e mergulhado, pelas três pontas, em cera virgem derretida.

Ouvem-se, depois, do túmulo daquele infeliz, lamentos abafados e prolongados. Com esforço, ele levanta a terra que cobre o seu ataúde, e as chamas infernais, que ardem nos ossos do seu cadáver, irrompem em clarões fosforescentes.

Mas os padres — dizem os camponeses — têm o cuidado de velar pelos seus mortos e de visitar os cemitérios à noite. Quando ouvem gritos, quando veem chamas tremulando, quando notam que uma cova permanece tão alta quanto no tempo do sepultamento — numa palavra:

quando percebem, por algum assustador indício, que um morto não está dormindo tranquilamente o seu abençoado sono, desenterram aquele cadáver impuro, pois inevitavelmente o cadáver transformar-se-ia em lobisomem.

Para esta operação, o pároco emprega uma pá nova e, geralmente, conta com a ajuda do sacristão. Depois de exumar o morto, corta-lhe a cabeça. Mas não as pode recolher sem ter que lutar com cães vorazes, e estes nada mais são do que demônios, que vieram reclamar a presa que lhes caberia. O padre foge àquela perseguição e atira a cabeça do cadáver num rio. Essa cabeça temível, tão pesada quanto os próprios crimes cometidos, irrompe um precipício no lugar onde cai e,

sem dúvida, por essa profunda via, desce ao inferno, doravante asilo inviolável de seu tormento eterno.

João Sem Terra, o príncipe covarde e cruel, cujos crimes e delitos certamente mereciam um castigo exemplar, foi veementemente suspeito de se ter transformado, após sua morte, em lobisomem. Um antigo historiador normando conta-nos que os monges de Worcester, em razão dos assustadores ruídos ouvidos em torno de seu túmulo, foram obrigados a desenterrar o seu corpo e atirá-lo fora do solo consagrado. Assim se concretizou completamente o terrível presságio associado ao seu apelido de *Sem Terra*, pois durante a sua vida perdeu quase todos os domínios sujeitos à sua

suserania e, mesmo após a sua morte, não conseguiu manter a posse pacífica de seu túmulo.

## A HIDRA DE VILLEDIEU-LÈS- BAILLEUL

A igreja de Villedieu-lès-Roches foi construída sobre uma elevação de rochas negras e acinzentadas. Uma reentrância rasa — com cerca de trinta dedos de largura e cento e cinquenta de comprimento — estende-se, partindo da igreja, na direção de Coulonces e Bailleul, ladeada por enormes massas graníticas que erguem, pendentes, as suas cristas irregulares. Bem próxima a estas rochas há

uma espécie de gruta, cuja entrada foi reduzida pela ação do tempo e pelas mãos dos homens.

Segundo a lenda, uma serpente habitava aquela caverna, revestida de paredes de diamantes e ouro. De vez em quando, saía ela para banhar-se num pequeno lago próximo e, depois, vagava pelo campo à procura de presas. Quando a fome a pressionava, a víbora agia rapidamente, pois aquele monstro não era nada menos que uma hidra dotada de múltiplas cabeças. Os moradores de Villedieu e das regiões vizinhas esgotaram-se em vãs lamentações. Todavia, o desespero os inspirou a descobrir um meio de salvação. Assim, imaginaram-se carregando, até a entrada

da gruta, um grande tonel, cheio de leite, obtido pelo esforço conjunto.

O monstro parecia satisfeito com o inofensivo regime ao qual pretendiam submetê-lo. Finalmente, a paz e a segurança foram restauradas. Sucede que, por esquecimento ou por carência, os habitantes de Villedieu não conseguiram fornecer ao seu hóspede a ração habitual. Nossa víbora, que há algum tempo não tinha força suficiente para sustentar um longo jejum, saiu de sua toca, instigada pela vingança e pela fome. Um jovem apareceu em seu caminho e o monstro o devorou. Sobrinho do senhor de Bailleul, era ele tão estimado pelos vassallos quanto seu tio era por eles odiado. No entanto, o senhor de Bailleul, apesar da sua



conhecida aspereza, ficou profundamente triste com a morte do sobrinho. Então jurou que o dia da desforra não tardaria a chegar.

Entre o monstro a tirano, a guerra começou prontamente, mas a luta planejada pelo barão de Bailleul exigiu alguns preparativos essenciais. O sagaz senhor encetou o ataque com um ardil bem planejado: mandou colocar duas ovelhas na entrada da caverna e, ademais, encheu a grande cuba, onde o dragão bebia o leite, com um barril de conhaque.

A hidra devorou as duas ovelhas, felicitando-se da produtiva lição que — conforme cria — dera aos habitantes de Villedieu. Depois, adormeceu na

embriaguez do seu sucesso e do barril de conhaque que havia esvaziado.

Chegara, todavia, a hora de o senhor de Bailleul garantir a sua vingança. O novo Hércules vestiu a sua armadura, mais rígida do que a pele de um leão, e empunhou a sua longa espada, tão forte quanto uma clava.

Rumando diretamente à caverna, o senhor de Bailleul surpreendeu o monstro adormecido, desferindo-lhe tão terrível golpe que lhe afundou a cabeça principal. Mas a hidra ainda se mostrava formidável o suficiente para se envolver em uma luta total: cegou o inimigo com um vômito de chamas. O barão de Bailleul, apesar de toda intrepidez, recuou aterrorizado.

Estando já no lado de fora, o barão escutou um estalo assustador, como se a terra estivesse prestes a desabar sob a fúria daquele réptil. As rochas de Villedieu explodiram por todos os lados, lançando sobre a planície enormes projéteis. Quando o fluxo de lava invadiu o lago, o abalo amainou e o silêncio foi restaurado naquele cenário desastroso.

No dia seguinte, os vassallos do senhor de Bailleul, trêmulos, aproximaram-se daquele antro desolado. Encontraram o corpo do barão carbonizado em sua armadura e, mais felizes do que ousariam esperar, viram-se livres dos dois monstros que os tiranizaram: a serpente e o barão.

# MISSAS MACABRAS

## 1

**A**s almas dos sacerdotes também fazem aparições. Se um sacerdote, durante a sua vida, deixou de rezar uma missa, pela qual recebeu o pagamento, deverá voltar para celebrá-la após a sua morte, ou mesmo dizer as palavras essenciais, se, por acaso, tiver esquecido alguma. Não é raro

encontrar sacristães que alegam ter prestado tais serviços noturnos.

## 2

**P**odemos relatar, segundo uma tradição oral, como ocorreu a celebração de uma missa oficiada por um fantasma, após uma tragédia, ocorrida na pequena aldeia de Monterollier, distrito de Neufchâtel-en-Bray, na época da Revolução.

Tal como os outros eclesiásticos oficiantes a época, o pároco de Monterollier foi encaminhado à sede do seu cantão para prestar juramento na Convenção Nacional.

Na mente do pobre sacerdote, o juramento, que lhe era exigido, o tornaria culpado de apostasia e sacrilégio. Por outro lado, ele sabia muito bem que a recusa no cumprimento daquela formalidade significaria padecer de uma morte ignominiosa. O horror deste impasse causou tal violenta impressão naquele espírito infeliz, que o padre, perdendo a razão, deliberou pôr fim às suas incertezas por via do suicídio: atirou em si mesmo, à queima-roupa, com uma pistola.

A sua trágica morte foi motivo de emoções diversas para os habitantes da sua freguesia e aldeias vizinhas. No entanto, talvez o padre tivesse sido facilmente esquecido, em meio aos ruídos

dos acontecimentos nacionais, se o acontecimento sobrenatural, que o acompanhou de perto, não tivesse instigado, por longo período, a memória popular.

Certa feita, quando o moleiro local fazia uma das suas rondas habituais, na exclusiva companhia de seu burro, que transportava os sacos de farinha, teve de atravessar um bosque, situado a alguma distância de Monterollier, numa área próxima de outra aldeia chamada Saint-Martin-le-Blanc.

O moleiro seguia alegremente, assobiando uma canção, quando viu, no meio do caminho, a sombra do padre suicida. Aquela figura era tão familiar ao nosso aldeão que, inicialmente, ele não

ficou surpreso e nem mesmo fez qualquer reflexão sobre a singularidade daquele encontro. Sequer tentou desviar-se de seu caminho.

Estando o moleiro diante do fantasma, este o chamou pelo nome e perguntou-lhe se sabia auxiliar a missa. O moleiro respondeu afirmativamente:

— Poderás mesmo auxiliar a missa que será rezada? — perguntou-lhe o espectro.

— Sem dificuldade — respondeu ingenuamente o aldeão.

Mal deu o seu consentimento, viu diante de si um altar montado, velas acesas e tudo preparado para o sacrifício divino.

O padre começou imediatamente a missa, pronunciando cada palavra com solene gravidade. O moleiro disse os



responsos com profunda contemplação e sem aparentar qualquer perturbação.

O ofício continuou naturalmente até a fórmula *ite missa est*. Então as velas se apagaram, o altar sumiu e a sombra do sacerdote desapareceu.

O encontro com o fantasma e o ato religioso que se seguiu sucederam-se tão rapidamente que o moleiro não fora tocado pelo impulso do medo. Mas, quando se viu abandonado no meio da escura solidão do bosque; quando percebeu que o seu burro, que não fora amarrado, permanecera imóvel, como se suas patas estivessem fixas no chão; quando, finalmente, revisitou em seu espírito todas as circunstâncias do extraordinário evento que acabara de

testemunhar, sentiu um medo tão marcante, que todos os seus esforços para combatê-lo restaram inúteis.

Assim, apressou-se em voltar a casa. Mas, ao chegar, caiu doente. Morreu ao fim de uns poucos dias, quer por medo, quer porque a fatalidade da aparição que encontrara o condenou a um fim iminente.

### 3

**O**rdinariamente, é no interior das igrejas que os padres falecidos aparecem e permanecem de pé durante a noite, à espera de que um homem corajoso e suficientemente dedicado apareça para lhes prestar o auxílio na missa. Vê-se,

então, luzes sobrenaturais rebrilhando através dos vitrais do santuário, como se para despertar a atenção dos fiéis.

#### 4

**O** cemitério que circunda a igreja de Saint-Martin-des-Champs, na estrada que liga Falaise a Condé-sur-Noireau, a meia légua desta última cidade, é conhecido por ser palco das mais assustadoras aparições. Lá se encontram todos os tipos de animais suspeitos; cavalos, soberbamente atrelados, oferecem-se aos viajantes, que são transportados a algum abismo infernal, do qual jamais regressam. Por fim, pode-se considerar este asilo de mortos um retiro

para os condenados, sobretudo devido às bolas de fogo que saltam e rolam pelos seus túmulos.

Dois viajantes, quando passavam por este temido lugar, por volta da meia-noite, viram o interior da igreja todo iluminado.

Entraram e encontraram um sacerdote ajoelhado aos pés do altar, repetindo continuamente:

— *Dominus vobiscum.*

Por uma prudência sabiamente calculada, os nossos dois viajantes não fizeram notar a sua presença. Então, voltaram e foram acordar o padre, contando-lhe a maravilha que haviam presenciado.

Ora, o pároco de Saint-Martin-des-Champs, tendo em seu sacristão um

conselheiro habitual, julgou oportuno chamá-lo em seu auxílio naquela perigosa circunstância.

O corajoso Méroure, como se chamava o sacristão, indignado com o fato de alguém ter entrado na igreja e de dispor dos castiçais sem o seu consentimento, correu com toda pressa ao local do vilipêndio, seguido por parte da aldeia, que já estava em alvoroço.

No entanto, somente Méroure se atreveu a cruzar os umbrais da igreja.

Neste instante, o padre repetiu mais uma vez o interminável “*Dominus vobiscum*”.

Levado pela força do hábito, o sacristão respondeu imediatamente:

— *Et cum spiritu tuo.*

O espectro, encontrando perto de si o homem de boa vontade que tanto esperava, iniciou a missa, que foi respondida religiosamente, até o final, por Méroure.

Depois do último Evangelho, o padre voltou-se para a assembleia e declarou que, tendo podido, graças à intervenção oficiosa do sacristão, rezar missa que, em vida, prometera fazê-lo, não mais remanesca qualquer impedimento à sua participação na bem-aventurança celestial.

## 5

Um acontecimento semelhante ocorreu em Saint-Étienne-Lallier, distrito

de Pont-Audemer, há cerca de um século, e a memória do ocorrido sobrevive até hoje.

Lá, as pessoas notaram que, todas as noites, a igreja de Saint-Étienne-Lallier ficava iluminada. Tal circunstância deu origem a um bom número de conjecturas. Por fim, chegou-se à conclusão de que a igreja era assombrada. Para ter-se certeza disto, um sacristão e um dos cantores da paróquia consentiram em passar a noite no local. Prometendo oferecer um relato fiel do que tinham visto, e com o escopo de tudo examinar com tranquilidade, eles montaram uma cama num biombo colocado no fundo da nave.

À noite, após as orações, deitaram-se juntos e adormeceram subitamente. Porém, depois de algum tempo, o cantor

acordou, pois tivera de um lúgubre sonho. A solidão e a escuridão da igreja provavelmente não o tranquilizaram; por isso, fez todos os esforços para reatar o sono. Assim, escondeu a cabeça sob o cobertor e fechou os olhos, decidido a continuar naquele estado. Dizia a si mesmo que, pelo menos, aquela discrição talvez o poupasse de algumas armadilhas.

Soaram, todavia, as onze horas, que era o momento fatal das aparições. O cantor sobressaltou-se, moveu-se e viu a igreja completamente iluminada. Mas... que maravilha! Não se viam lamparinas ou velas acesas. A luz parecia filtrar-se através das próprias paredes do edifício. Era, ademais, uma luz pálida, fria, inanimada, sem tremores ou irradiações. Nosso pobre



cantor sentiu-se profundamente perturbado; então, um tanto tranquilizado pela presença do companheiro, que continuava adormecido, ponderou que chegara o momento de acordá-lo. Afinal, não estavam juntos para partilhar as mesmas preocupações e os mesmos perigos? Chamou o dorminhoco em voz baixa, cutucando-o levemente com o cotovelo; não obtendo nenhuma resposta, o cantor, exasperado pelo medo e pela impaciência, puxou o companheiro para todos os lados, deu-lhe beliscões e mordidas, enfiou-lhe um alfinete na carne. Mas de nada lhe valeu o esforço, porque aquele sono profundo persistia. Em meio a estas tentativas infrutíferas, de cabeça quente, viu que a sua razão esvanecia-se. O

grito de angústia, que lhe escapou dos lábios, foi abafado pelo toque do sino da meia-noite. Então, o que ele viu? Viu uma forma corpórea, tênue e pálida como uma sombra, que permanecia no fundo do santuário, vestida com os paramentos de um padre oficiante. Aquele estranho ser se pôs em movimento. Deslizou pelo chão, quase sem tocá-lo. Iniciou uma ronda pela igreja e se aproximou do local onde deitara-se o cantor. Este sentiu um suor agônico a escorrer-lhe testa abaixo, mas o fantasma continuava sua lenta caminhada, retornando à beira do altar, onde se ajoelhava por instantes. Depois, reiniciava a cíclica jornada.

Sempre que o espectro se aproximava, a ansiedade do cantor intensificava-se.

Parecia-lhe que fora poupado somente para ter o medo punido com redobrada crueldade. E assim pensou porque percebera que o semblante do falecido se tornava cada vez mais sisudo e ameaçador. Todavia, a mortal ansiedade chegou ao fim: a luz misteriosa desapareceu subitamente, o espectro do sacerdote dissipou-se como um leve vapor de incenso, perdendo-se nas sombras renascidas da noite.

A curiosidade dos habitantes da freguesia foi mais excitada do que satisfeita pela narrativa desta estranha aventura. Insistiram os dois companheiros a que fizessem a vigília na igreja por mais uma noite. À força de orações e felicitações por sua coragem, conseguiram persuadi-

los. A cena misteriosa repetiu-se exatamente como acontecera na noite anterior. Mas, naquela noite, o sacristão teve de testemunhar a aparição, enquanto o cantor dormia despreocupadamente.

Na terceira noite, foi o próprio padre quem quis fazer a prova; em vez de ir para a cama, permaneceu orando no coro. Na presença deste novo espectador, a cena mudou de aspecto; às onze horas não apareceu a habitual iluminação, mas um globo de fogo surgiu na igreja, percorreu-a rapidamente e veio pousar na balaustrada que separa o coro da nave. Quis o padre colocar a mão na bola em chamas; ela, todavia, fugiu com um silvo assustador e depois, em plena fuga, se apagou. Depois

de fervorosa oração, o padre julgou prudente voltar para casa.

Estes avisos misteriosos inspiraram a ideia de examinar os registos paroquiais. Nestes livros, descobriu-se que, certa feita, um padre local recebera dinheiro para rezar uma missa; a sua morte, contudo, obstou a celebração.

Bem informado sobre a causa das aparições, o vigário de Saint-Étienne-Lallier dedicou-se a socorrer aquela alma atribulada. Certa noite, foi ajoelhar-se nos degraus do altar. Nada de extraordinário surgiu na igreja, e o caridoso vigário pôde rezar, tranquilamente, até meia-noite. Só então as velas se acenderam. De repente, um padre apareceu diante do altar e, depois de uma reverência de

agradecimento àquele que o socorrera, iniciou a missa. Quando pronunciou o *Deo gratias* do último Evangelho, as velas, então acesas, apagaram-se por si próprias, e o fantasma desapareceu para sempre. O vigário morreu naquele ano.

## 6

Os pescadores de Polletais — cuja imaginação é tão ardente quanto sombria — fizeram diversas variantes desta tradição, conferindo-lhe um carácter mais dramático do que o encontrado alhures.

Depois de uma terrível tempestade, que manteve toda a vizinhança acordada durante uma parte da noite, o sacristão de

Notre-Dame du Pollet começava a desfrutar das delícias do primeiro sono, quando foi subitamente acordado pelo toque do sino anunciando a missa.

Saltou da cama, supondo que dormira demais e que o padre havia a pedido a outrem que tocasse o sino.

Ao entrar na igreja, viu o padre, já no altar, e um grande número de pescadores que rezavam em piedosa contemplação. O sacristão, vislumbrando a face de alguns deles, nelas reconheceu, com indescritível terror, as de pessoas já falecidas, intuindo que naquela congregação só havia mortos. Um dos que lá estavam, por exemplo, saíra para pescar, há mais de um ano e meio, e nunca mais se soube dele; o cadáver de outro fora levado pelo mar — o sacristão

até se lembrava de ter comparecido ao seu funeral —, e assim por diante.

Tomado de horror, o infeliz não conseguia falar ou se mover. Contudo, a missa continuou. Na hora da comunhão, o sacerdote tentou erguer a hóstia até os lábios, mas ela escapou por entre os dedos. Então, soltou um grito de angústia assustador, repetido por todos os presentes. Depois, voltando-se para o sacristão, disse:

— Meu pobre Pierre, meu pobre Pierre! Não me reconheces? Sou Regnaud, cujo barco, na semana da Páscoa, naufragou no rochedo de Ailly. Eu havia prometido uma missa em honra de Nossa Senhora, mas esqueci-me de meu voto. Tento agora — eu mesmo — rezar esta missa, em



cumprimento de minha promessa. Mas, toda vez que tento comungar, a hóstia escapa-me dos lábios e sinto um inferno a arder em meu peito. Oh, mestre Pierre, sofro todas as torturas dos condenados: dize ao meu filho, rogo-te, que nunca se esqueça das missas que tiver prometido a Nossa Senhora.

## 7

**H**á vinte anos, em Barneville, departamento de Eure, um pedreiro, enquanto fazia os alicerces de uma fornalha de tijolos, encontrou, segundo dizem, um baú cheio de preciosidades, além de um caldeirão repleto de moedas de ouro.

Após esta descoberta, o pedreiro foi acometido de uma febre causada pelo medo, assente a ideia de que, ao apoderar-se do tesouro, tornara-se presa do diabo.

Em poucos dias, o pobre aldeão foi levado ao sepulcro, e os seus conterrâneos — como ele profundamente afeito aos preconceitos supersticiosos — não deixaram de dar uma explicação quimérica para a sua morte.

A tradição anunciava — dizia-se — a existência de um tesouro escondido no território da comuna de Barneville. Treze jovens daquela aldeia, reunidos, avaliavam um meio de obter, com a ajuda do diabo, aquele tesouro.

Os jovens, então, planejaram uma missa rezada *ao contrário*.

Inacreditavelmente, um padre não teve receio de emprestar seu ministério àquele culto sacrílego. Mas, no momento solene da consagração, a ira do Céu manifestou-se num marcante sinal: uma nuvem de moscas desceu sobre o altar, envolvendo o sacerdote, que ficou, por alguns momentos, escondido do olhar dos presentes.

Aquele fora um aviso milagroso, provavelmente destinado a fazer com que os culpados tomassem consciência de tal vilipêndio. No entanto, eles não levaram o aviso em conta. A rigor, consideraram que tais ameaçadores prodígios eram uma garantia da aliança com Satanás e, conseqüentemente, do êxito daquela aventura.

Ao final da missa, enfiaram doze bolas vermelhas e uma preta numa urna, e se prepararam para o sorteio: aquele que tirasse a bola preta teria que se dedicar ao demônio para apoderar-se do tesouro, a ser compartilhado com os camaradas. Este pacto explica suficientemente como descobriam o tesouro e como o autor do achado morreu, pouco depois, devido às torturas que lhe foram infligidas pelo demônio, impaciente por apoderar-se da sua presa.

## O CÃO FANTASMA DE VILLERET

Conta-se que um dos senhores da herdade de Villeret, próxima a Harcourt, teve algumas disputas com a sua irmã sobre a herança comum.

Certa feita, essas altercações se toraram tão acirradas que o senhor de Villeret, levado ao limite, gritou:

— Que aquele de nós, que estiver conscientemente errado, seja atingido por um raio!

Disse ele essas tão solenes palavras somente para as impor-se à sua irmã, pois sabia muito bem que as suas próprias pretensões eram injustas.

No entanto, no momento em que acabou de pronunciar tal perjúrio, confiando na serenidade do céu para zombar impunemente do poder de Deus, ouviu-se um violento estrondo de trovão, sem que se visse elevar-se na atmosfera uma nuvem sequer. Um raio caiu e atingiu o senhor de Villeret de forma tão terrível que a sua cabeça, derrubada pelo golpe, saltou no chão e nele fez um buraco, onde desapareceu.

A partir de então, um belo galgo passou a assombrar, todas as noites, o

grande salão castelo, permanecendo sempre no lugar de honra, junto à lareira.

Durante os longos serões de inverno, o cão jamais abandonava a lareira e, se alguém se aproximava para disputar-lhe o lugar, o galgo levantava-se e, com a pata direita, desferia um golpe forte e agudo nesse hóspede inconveniente. No entanto, a presença do misterioso galgo inspirava uma espécie de constrangimento doloroso nos moradores do castelo. Um deles quis utilizar meios mais suaves para afastar o intruso. Aproximou-se do cão de uma forma civilizada e disse-lhe, com todo o respeito:

— Senhor de Villeret, quer dar-me o seu lugar?

O maravilhoso animal não teve dúvidas. Desapareceu para sempre, ou porque se sentiu tocado pela delicadeza do pedido, ou porque ficou magoado por ver o seu disfarce tão vergonhosamente descoberto.



## A FIANDEIRA E O FANTASMA

**H**á muito tempo — dizem os narradores da aldeia —, faleceu uma boa velhinha da cidade de Appeville-Annebaut, deixando uma filha casada há vários anos.

A filha prometera à moribunda que, dentro de um mês, ela encomendaria uma missa, pagando-a com o trabalho em sua roca. Mas os corações jovens são dados ao esquecimento: a missa não se realizou.

Certa noite, trinta e três dias após a morte da mãe, o casal estava deitado, e, entre eles estava o filho pequeno.

De repente, ouviu-se o som de uma roda girando na sala. Prontamente, a criança acordou e se pôs, assutada, a gritar:

— Ah! É a vovó! É a vovó!

Então, fugiu da cama.

O pai e a mãe levantam-se um a um, chamaram pelo filho sem obter resposta, procuram-no em todos os cantos da casa, mas não o encontram.

O som da roda a girar, que eles ainda ouviam, causava-lhe maior ansiedade e medo.

Finalmente amanhece e a roca para. Ela é carregada com um fio fino e sedoso, e a criança, fresca e risonha, move-se ao pé

da cama. Durante outras duas noites, a mesma maravilha se repete. A filha, que já fora lembrada de muitos acontecimentos semelhantes, entendeu que foi a sua negligência no cumprimento da promessa feita à mãe que causou esses incidentes noturnos.

Cuidou prontamente de mandar celebrar a missa prometida e, com este ato de piedade, devolveu, à mãe, o descanso de uma morte santa e, ao, filho a paz do seu sono inocente.

## MACABRA PROCISSÃO

**E**ntre os pescadores de Dieppe existem várias superstições específicas quanto aos mortos. É fácil compreender a origem destas lúgubres fantasias e como conservaram toda a sua autoridade numa população para a qual a morte é uma possibilidade constantemente ameaçadora.

O Dia de Finados é comemorado de forma muito religiosa em Dieppe. Se os pescadores entrassem em seus barcos naquele dia, ver-se-iam replicados: um

segundo indivíduo, em tudo semelhante a cada um deles, acompanhá-los-iam em suas manobras. Também deveriam ter cuidado para não arriscarem a pesca, pois, quando viessem a puxar do mar as redes carregadas com um peso inusitado, no fundo delas encontrariam no apenas esqueletos partidos, ossos despedaçados, escombros horríveis de morte e do sepulcro, como a justa recompensa pelo trabalho sacrílego.

Nesse mesmo dia, por volta da meia-noite, ouve-se um carro fúnebre percorrendo as ruas de Pollet. Ele é puxado por uma parelha de oito cavalos brancos, e cães brancos correm à sua frente. À medida que este cortejo passa, é facilmente é possível distinguir as vozes

das pessoas que morreram no lapso de um ano. Pouquíssimas pessoas viram tal aparição, porque aqueles que a testemunham devem esperar uma morte iminente. É por isso que todos se apressam a fechar as janelas quando ouvem os sons do fúnebre cortejo.

## O DIABO E O MONGE DESONESTO

**T**alvez a aparição mais famosa na Normandia seja a do Monge de Saire, personagem que, através de sua infernal celebridade infernal, pôde emular com Robert le Diable<sup>1</sup>.

---

1 Personagem mítico, filho da duquesa de Aubert; esta, desesperada para ter um filho, invocou o diabo para este fim. Nasceu-lhe, pois, Robert, cujos instintos satânicos o conduziram a uma vida pecaminosa e violenta.

Contaremos o que é dito sobre sua história.

Porque não estava sujeito à clausura, este monge dividia com o pai uma casa situada num vale belo e exuberante, em cujos confins fica a foz do Saire.

Um dia, estando ausente o pai, um de seus arrendatários trouxe uma quantia de quinhentas a seiscentas libras, das quais era devedor. O monge recebeu o dinheiro e despediu-se do lavrador, que confiava em sua honestidade.

Porém, por viver em meio ao mundo, o monge contraíra um amor prodigioso pelas riquezas. E não pôde ver, sem cobiçá-lo, o pequeno tesouro que lhe foi confiado. Assim, colocou-o num lugar secreto e



prometeu a si mesmo que — custasse o que custasse — jamais o largaria.

Passou-se um tempo. O pai, impaciente por não receber as rendas de sua propriedade e considerando o lavrador ainda em débito, fez-lhe a cobrança. Este protestou que pagara dívida nas mãos do monge, que, por sua vez, negava o fato veementemente.

Por fim, o lavrador, exasperado, desafiou o seu adversário a lançar, sobre si mesmo, a seguinte maldição: “Que o diabo me carregue ao mar, se eu tiver recebido o dinheiro!”.

O pai, que começara a duvidar, no fundo do coração, do próprio filho, exortou-o a não trair a verdade com um juramento tão terrível. Mas ele persistiu

inflexível e recitou a blasfema maldição que o lavrador lhe ditara.

Mal terminou a imprecação, ouviu-se um estrondo formidável: um ser horrendo — que os olhos presentes mal tiveram tempo de vislumbrar — raptou o monge, deixando horrorizados os dois espectadores daquela cena miraculosa.

## O DISSOLUTO MONASTÉRIO DE FLERS

**P**erto da cidade de Flers, há um bosque que contém um lago — ou melhor, um pequeno lago. É um lugar é silencioso e isolado, e o reflexo das altas árvores tinge a superfície do lago de tons tão escuros que nos pomos a sonhar com algo assustador a esconder-se, como lodo impuro, no fundo daquelas águas paradas.

Há muitos, muitos anos — diz a tradição —, havia nesse local um monastério, fundado por um pecador arrependido, em expiação dos próprios pecados.

Nos primeiros tempos da fundação, os monges levavam uma vida tão santa que os habitantes do entorno para lá afluíam, a fim de se edificarem pelos exemplos piedosos, tocados pela comovente pregação.

Todavia, o monastério tornou-se rico e suntuoso. Pouco a pouco, os monges afastaram-se da estrita observância de suas regras. Logo a igreja do monastério permaneceu fechada, os cânticos sagrados deixaram de ressoar sob as suas abóbadas, a luz triunfante deixou de iluminar os seus

vitrais escuros, e o sino de oração já não fazia o seu toque matinal para despertar todos os corações ao amor de Deus.

A seu turno, o refeitório, decorado com mil luzes, nunca estava vazio, quer de dia, quer de noite. Os coros báquicos, traspassados por vozes femininas, propagavam todos os ecos da sua harmonia sacrílega, e os acessos de louca embriaguez anunciavam ao viajante e ao peregrino, que passavam diante dos muros do monastério, que o santuário da devoção e da austeridade se transformara em uma Babel de impiedades e dissoluções.

Sucedeu que, na véspera da celebração do Natal, os monges, em vez de celebrarem o ofício, reuniram-se para uma profana passagem de ano. Quando, porém,

chegou a meia-noite, estando o sineiro à mesa com os outros monges, o sino, que normalmente era tangerido naquela hora para chamar os fiéis à missa, começou a tanger por si mesmo as suas mais majestosas badalada.

Houve, então, um momento de silêncio, seguido de profundo espanto no refeitório. Mas um dos monges mais dissolutos, tentando se livrar daquele arrepiante estado de terror, lançou um braço lascivo em volta de uma mulher sentada ao seu lado, pegou um copo com a outra mão e exclamou, insolentemente:

— Ouvis o sinos, irmãs e irmãos?  
Cristo nasceu! Bebamos à sua saúde!

Todos os monges responderam ao seu brinde e repetiram, com aclamação:

— Cristo nasceu! Bebamos à sua saúde!

Nenhum deles, contudo, teve tempo de beber: um relâmpago flamejante, como a espada de um arcanjo, rasgou as nuvens; e um raio, lançado pela mão do Altíssimo, atingiu o monastério, que oscilou com o choque, e subitamente afundou na terra. Os camponeses, que haviam corrido para a missa, encontraram apenas, no lugar do mosteiro, um pequeno lago, de onde se ouviu o som dos sinos até soar a primeira hora do dia.

Todos os anos, dizem os moradores locais, ainda se pode ouvir o toque dos sinos, no fundo do lago, no dia de Natal. E é somente durante esta hora, quando os monges estão ocupados em espargir as piedosas badaladas, que estas infelizes

almas condenadas obtêm alguma remissão dos tormentos infernais que as consomem com os seus mais devoradores ataques.



## O FANTASMA DA FALÉSIA

Um presságio sinistro está associado à aparição conhecida como *Mulher Gorda*.

Conta-se que uma mulher gorda caiu do alto da falésia de Pollet, e rebentou-se de encontro a uma rocha que se eleva quase ao longo das ondas, por sob estas arribas. Mas a Mulher Gorda não abandonou o sinistro lugar que testemunhou aquele trágico acidente. Atraída pelas noites de tempestade, ela

ainda chega — vestida com roupas brancas esvoaçantes e soltando gritos de aflição — a vagar pela fatídica rocha que lhe deve o nome.

Este fantasma — dizem as mulheres de Pollet — é, para quem o vê, o sinal seguro da morte de um dos seus entes queridos: de um pai, de um irmão, de um amante, de um marido.

O rochedo da Mulher Grande não fica longe dos pequenos alojamentos onde as mulheres dos pescadores se amontoam, nas noites de tempestade, para aguardar o regresso dos maridos e facilitar a sua entrada no porto. É fácil imaginar, em circunstâncias tão angustiantes, a impressão que tal proximidade deve

produzir nos espíritos constantemente exaltados pela presença de perigos.

## O SANGUE DE HENRIQUE II

**S**e uma pessoa for assassinada, ou se sua morte for causada por outro meio violento, o seu cadáver, na presença do assassino, vazará sangue, vertendo de seus ferimentos ou do nariz. Provavelmente, é desta crença que deriva esta expressão habitual: “O sangue jorra sobre o culpado”. Um episódio da nossa história pode servir de exemplo em apoio a tal crendice:

No dia seguinte à sua morte, o corpo de Henrique II, duque da Normandia e rei de Inglaterra<sup>2</sup>, foi levado para a Abadia de Fontevrault, onde foi sepultado.

O rei foi posto em seu caixão com o rosto descoberto. Quando o seu filho Ricardo<sup>3</sup>, que seguia à frente da comitiva, mal se aproximou do féretro, o cadáver do rei, em sinal de indignação, começou a jorrar sangue pelo nariz.

Afirmava-se, de fato, que este filho ingrato havia provocado a morte de seu pai através das suas contínuas rebeliões e dos desgostos que a elas se seguiram. O próprio Ricardo assim pensava, visto como tal espetáculo lhe causou um grande

---

2 Entre 1154 e 1189.

3 Ricardo I (1157 – 1199), dito Coração de Leão.

remorso: começou a chorar, e conduziu o cortejo fúnebre até Fontevrault com sinais de profundo e violento desespero.

## O TESOURO DO DEMÔNIO

**H**á vinte anos, em Barneville, departamento de Eure, um operário, enquanto fazia os alicerces de uma fornalha de tijolos, encontrou, segundo dizem, um baú cheio de rendas e um caldeirão repleto de moedas de ouro.

Após esta descoberta, o trabalhador foi acometido de uma febre decorrente do medo causado pela ideia de que,

apoderando-se do tesouro, tornara-se presa do diabo.

Em poucos dias, o pobre aldeão foi levado ao sepulcro, e os seus conterrâneos, como ele profundamente afeito aos preconceitos supersticiosos, não deixaram de dar uma explicação quimérica para a sua morte.

A tradição anunciava — dizia-se — a existência de um tesouro escondido no território da comuna de Barneville. Treze jovens dessa aldeia reuniram-se para ver como poderiam obter do diabo o achado daquele tesouro.

Primeiro, os jovens planejaram uma missa rezada *ao contrário* e, inacreditavelmente, um padre não teve receio de emprestar seu ministério àquele



culto sacrílego. Mas, no momento solene da consagração, a ira do céu manifestou-se num marcante sinal: uma nuvem de moscas desceu sobre o altar, envolvendo o sacerdote, que ficou, por alguns momentos, escondido do olhar dos presentes.

Aquele fora um aviso milagroso, muito provavelmente destinado a fazer com que os culpados tomassem consciência do vilipêndio que faziam. No entanto, não levaram aquele aviso em conta. A rigor, consideraram aqueles ameaçadores prodígios como uma garantia de aliança com Satanás e, conseqüentemente, do êxito daquela empresa.

Ao final da profana missa, colocaram doze bolas vermelhas e uma preta numa

urna, e se prepararam para o sorteio: aquele que tirasse a bola preta teria que se dedicar ao demônio para apoderar-se do tesouro, que seria, depois, compartilhado com os companheiros. Este pacto explica suficientemente como conseguiram lograr a descoberta do tesouro e como o autor desta descoberta morreu, pouco tempo depois, devido às torturas que lhe foram infligidas pelo demônio, impaciente por apoderar-se da sua presa.

## O FANTASMA DE MARIE ANSON

Ives de Cariel, senhor de Bellême, construiu o castelo de Alençon no século XI. Os seus sucessores ampliaram a fortaleza, que foi dotada de uma torre de menagem por Henrique I, Rei de Inglaterra e Duque da Normandia. Começou a ser demolido no reinado de Henrique IV e, a partir de então, os trabalhos de demolição foram retomados em distintas ocasiões. Desta antiga construção só restam três

torres. Uma delas, dado o seu formato, leva o nome de Torre Coroada, e é famosa pela tradição que iremos relatar.

Diz-se que a Torre Coroada já foi ocupada por uma senhora — malgrado jamais mencionada pelas crônicas locais —, chamada Marie Anson.

Era ela casada com um daqueles déspotas ciumentos da Idade Média, para quem o carrasco era um digno intermediário do amor, e o mais adequado, segundo eles, para reforçar uma constância nem sempre escorreita, e para garantir uma fidelidade que inspirava desconfiança.

Comprometida em sua honra por falsas aparências, a infeliz castelã não podia esperar perdão. Ela foi condenada, pelo brutal marido, a ser amarrada ao rabo de um cavalo indomável. O animal,

abandonado ao seu ardor selvagem, arrastou a infeliz por todos os meandros do parque de Alençon, e a ordem de suspensão da tortura só foi dada no momento em que a vítima — fraturada, dilacerada, ensanguentada — estava prestes a exalar o último suspiro.

Então, não satisfeito por ter o ódio aplacado, o marido, indignado, quis justificar a sua vingança, arrancando da mulher a confissão da sua culpa.

Apresentou-se diante da esposa moribunda e, enganando-a com um disfarce sacrílego, exigiu sua última confissão, como ministro do Senhor. Mas esse ardil não surtiu o efeito esperado: até o último momento, a vítima não parou de protestar pela sua inocência.

Não podendo mais se recusar a reconhecer a verdade, o bárbaro marido sentiu toda a enormidade da sua injustiça e

todo o horror da sua crueldade. Então, entregou-se a um desespero incomensurável e, nesta alma feroz, o remorso criou torturas capazes, talvez, de expiar o crime cometido.

Todavia, desde que morreu, Marie Anson, também chamada de Senhora do Parque, não permanece tranquila em seu túmulo. Costuma ela fazer aparições vingativas, que perpetuam a reputação odiosa ligada à memória de seu marido. À meia-noite, é possível vislumbrar o fantasma branco da castelã que, tendo dado a volta no topo da fortaleza, solta um grito de dor e, então, desaparece.

*Free Books*

<http://www.freebookseditora.com/>

---